A percepção corporal de estudantes do ensino médio em Boa Vista-RR: conflitos e pressões sociais

The body perception of high school students in Boa Vista-RR: conflicts and social pressures

DOI:10.34117/bjdv6n11-054

Recebimento dos originais: 19/10/2020
Aceitação para publicação: 04/11/2020

Eduarda Pereira Cardoso
Pós-Graduação em Lato Sensu, pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – ES
Graduada no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Roraima, Campus Boa Vista
E-mail: dudazinha_bv@hotmail.com

Leila Maria Camargo
Professora Dra. Educação-Currículo pela PUC-SP. Pós-doutoranda UFPA/PROCAD/ AMAZÔNIA
Professora do Curso de Educação Física e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Roraima- UERR
E-mail: apolium522@hotmail.com

RESUMO
O Ensino Médio é uma fase em que os estudantes se sentem conturbados. É uma etapa da vida em que enfrentam grandes conflitos e pressões, sejam elas internas (consigo mesmo) como externas (recebidas da família, sociedade e mídia). Sendo que por um lado querem viver sua condição juvenil, demarcar e construir identidades e, por outro, enfrentam as pressões dos adultos quanto a projetos de futuro, decisão profissional, ao mesmo tempo que sofrem influências dos ataques da mídia e pela sociedade do consumo, quanto a ideia de corpo. Neste ponto, as influências dos mesmos, vem contribuindo para a negação do próprio corpo. Este artigo, têm desígnio de discutir a condição de estudantes do Ensino Médio em Boa Vista-RR, buscando compreender a relação entre corpo, corporeidade e aprendizagem. É fruto de estudos da disciplina de dimensões sociológicas da Educação Física, que estima compreender a percepção corporal destes jovens. A amostra foi composta por 18 sujeitos do 1º ao 3º ano de uma escola de rede pública do Ensino Médio em Roraima. Como resultados, obteve-se que o padrão de beleza vendido pela indústria da beleza e do consumo, as pressões recebidas da escola e sociedade, por muitas vezes, tem levado a juventude a negarem o próprio corpo. Chama a atenção para a necessidade de mais profissionais da saúde e educação, que sejam capacitados para atenderem estas questões vivenciadas pela juventude no contexto escolar, promovendo estudos que envolvam mais os juvenis ao ato conhecimento de si próprio, em seu caráter físico, emocional e social.

Palavras-Chave: Juventude, Escola, Negação do Corpo.

ABSTRACT
High school is a phase in which students feel troubled. It is a stage of life in which they face great conflicts and pressures, both internal (with themselves) and external (received from family, society and the media). Since, on the one hand, they want to live their youthful condition, demarcate and build identities, and, on the other hand, they face the pressure of adults regarding future projects, professional

decision, at the same time that they are influenced by media attacks and by the consumer society, about the idea of a body. At this point, their influences have contributed to the negation of the body itself. This article aims to discuss the condition of high school students in Boa Vista-RR, seeking to understand the relationship between body, corporeality and learning. It is the result of studies in the discipline of sociological dimensions of Physical Education, which estimates to understand the body perception of these young people. The sample consisted of 18 subjects from the 1st to the 3rd year of a public high school in Roraima. As a result, it was found that the standard of beauty sold by the beauty and consumer industry, the pressures received from school and society, has often led youth to deny their own bodies. Draws attention to the need for more health and education professionals, who are trained to address these issues experienced by youth in the school context, promoting studies that involve more youths in the act of knowing themselves, in their physical, emotional and social character.

Keywords: Youth, School, Denial of the Body.

1 INTRODUÇÃO

O artigo pauta a discussão sobre juventude e Ensino Médio em Roraima e trata da relação, entre corpo, corporeidade, cultura corporal e aprendizagem. A questão vem preocupando profissionais da educação e da psicologia, bem como país e gestores, visto o crescimento nas escolas de casos de jovens que negam seus corpos e manifestam seus sofrimentos por meio de marcação dos corpos através de cortes (mutilação).

Neste sentido, a proposta deste trabalho é levantar questões sobre as pressões sociais e da indústria cultural, como também a concepção de corporeidade/corpo da juventude escolar, situado como sofrimento ou negação do próprio corpo.

O trabalho, busca fazer reflexões de corporeidade da juventude, corpo e aprendizagem em escolas públicas de Boa Vista-Roraima. Analisa a resposta de 18 jovens participantes da pesquisa, no que se refere suas concepções de corporeidade e negação de corpo na juventude por meio de um questionário a respeito das questões. O texto está estruturado em quatro seções, sendo: a introdução, três seções teóricas como: o corpo no contexto histórico (breves considerações); Juventude, corporeidade e Ensino Médio; Escola, educação corporal; partindo para metodologia e resultados. E por fim, traçamos algumas considerações parciais sobre a questão.

1.1 O CORPO NO CONTEXTO HISTÓRICO: BREVES CONSIDERAÇÕES

Estamos conceituando corporeidade como “a compreensão da consciência e da existência do Eu” (SANTIN, 1987, p. 85). A corporeidade é perceptível em qualquer indivíduo no processo de desenvolvimento e maturação, nos estímulos recebidos, que são representados pela expressão de movimentos e pelo conhecimento de si mesmo o “EU”.

Na antropologia, Pinas (2015), diz que o conceito de corpo possui um significado histórico por caraterísticas mentais, físicos e sociais no que remete o estudo do homem em sua totalidade integral. Sendo que em diferentes épocas, os corpos foram alvos de transformações ocorridas dentro de cada sociedade, como cultura, frisando o destaque do corpo/moda, contribuindo para o ser e ter, distorcendo até mesmo identidades. Assim, da forma como a sociedade vai se modificando a educação segue em transformação.

Le Breton (2013, p. 7), diz que "O corpo pertence de pleno direito à estirpe identificadora do homem. Sem o corpo, que lhe dá um rosto, o homem não existiria". Define o corpo como uma construção social e menciona que esta construção tem relação mais com as pressões culturais e sociais do que biológica.

Assim, Almeida, et al., (2013, p. 203), nos remete que "toda educação é educação do corpo", sendo este corpo valorizado pelo conhecimento formal. O corpo tem sido tomado por diferentes perspectivas no contexto histórico: uma visão dualista, que divide corpo e mente e outra que considera o corpo e mente como unidade.

Na modernidade com o renascimento a visão do homem quanto ao corpo passa-se a ser visto a cima do espírito, ou seja, sujeito e corpo, logo diferente da Idade Média que visava o espírito do que o corpo, aqui vemos uma disfunção da ideia de corpo e espírito. Assim, o corpo passa a ser objeto da ciência segundo Pinas (2015), perdendo o sentido em sua dimensão sagrada, para ser uma máquina racional.

A relação de corpo sobre a visão de Daolio (1996), remete a um corpo historicamente regido por diversas culturas, no olhar de entidade biológica, logo a Educação Física Escolar atua homogeneamente, que corresponderá de forma universal.

A cultura corporal do movimento, abrange em uma totalidade que "homens e mulheres acrescentaram à natureza com finalidade de expressar sentimentos, emoções e desejos, aquilo que ultrapassa os determinismos físicos e biológicos" (GAYA; GAYA, 2013, p. 44)." Ou seja, a cultura engloba o estágio de emoções expressados em movimento.

No entanto, a aprendizagem do corpo na visão de Almeida, et al., (2013), se apresenta quando o sujeito muda seu comportamento, pelo conhecimento adquirido no ensino, se não houve mudanças não houve educação e se não haver educação não a aprendizagem. Pois por meio da aprendizagem, que o sujeito adquire novos saberes e possui uma comunicação social pela convivência em sociedade, experiências consigo próprio, com os outros o mundo e seres.

1.2 JUVENTUDE, CORPOREIDADE E ENSINO MÉDIO

Tendo em vista, a discursão de corporeidade, corpo e aprendizagem em concepções de autores nessa temática, abordaremos sobre a corporeidade da juventude inserida na escola do ensino médio, levando em consideração a realidade do convívio estudantil, suas marcas tão desafiadoras em concepção ao seu corpo, como grupo social, sua individualidade e características decorrente de sua faixa etária, encaixadas no contexto escolar como a influência de pressões da mídia/sociedade e da "indústria da juventude".

A juventude é, ao mesmo tempo, um dos conjuntos de grupo social e um tipo de representação. De um lado há um caráter universal, dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária. De outro, há diferentes construções históricas e sociais relacionadas a esse tempo/ciclo da vida, aponta Dayrell (2005).

A entrada na juventude se faz pela fase da adolescência e é marcada por transformações biológicas, psicológicas e de inserção social. É nessa fase que fisicamente se adquire o poder de procriar, que a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, que começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais, psicológicos e de autonomização cultural. (DAYRELL, 2003, p. 42)

Nesta fase da juventude é comum ser identificado na maior parte conflitos, logo caracterizando uma "juventude marcada por conflitos na sociedade", nesse processo as maiores interrogações aparecem, ou seja, questionamentos quanto sua identidade, existência e adequações com um mundo novo "O CORPO", vivendo uma briga no seu interior para entender as coisas que lhes rodeiam, passando a exprimir no corpo externo, pela expressão corporal. (CAMPOS; GOTO, 2017, p. 355).

Segundo Teixeira (2001), Os adolescentes e seu processo de desenvolvimento e maturação busca uma identidade para si, ou seja, uma referência que lhe corresponda por meio da figura de autoridade dos pais, como também de grupos pelo qual pertencem ou pela influência das mídias que a sociedade apresenta, sendo que não alcançando, ou seja, não obtendo esta definição de personalidade e identidade acabam sendo presas fácil e vulneráveis aos sofrimentos emocionais.

Numa fase de transtornos emocionais dos juvenis escolares, são perceptíveis na forma como o indivíduo se apresenta corporalmente, no ambiente familiar como da própria sala de aula, os alunos tendem a demostrar suas emoções de forma silenciosa, sejam elas em uma linguagem verbal ou não verbal, provendo ao docente a oportunidade de desenvolver conteúdos, que extingam o aluno em sua formação a reflexão e a tomada de decisões.

No entanto, poucos são os estudos e linhas de pesquisas sobre esta temática sofrida de pressões que os juvenis estão enfrentando, num sistema que tudo passa em um nível rápido e acelerado, logo, entender a juventude e suas caraterísticas emocionais, físicas, sociais são fundamentais para compreender as mudanças ocorridas nos dias atuais. Nesse sentido, a imagem física, um dos elementos centrais da identidade do adolescente, são os mais visados na construção nesta etapa de sua vida. (CUNHA, 2014, p. 145)

Visto que, nessa fase da adolescência a preocupação a respeito do que os outros pensam a seu respeito (MEYRS; BIOCCA, 2000), os impulsionam a busca da opinião dos influenciadores (amigos/familiares, sociedade/indústria e mídia/padrão de corpo), gerando no adolescente um sentimento de baixa autoestima e profunda tristeza, por não alcançar o padrão exigido pela a mídia (corpo/ideal), os amigos (garoto (a) popular), "levando a adaptação do pensamento e da autoconsciência" (CUNHA, 2014, p. 144).

Por outro lado, os jovens buscam atenção em si mesmo, muitas vezes atuando com desejos exibitório corporal, em busca da aparência excessiva em seu conflito interno clamam: "Sou alguém, ocupo um lugar no espaço social, quero e necessito que me vejam, me admiram e me compreendam exatamente como sou". (CAMPOS; GOTO, 2017, p. 359).

A sociedade atual na visão de Cunha (2014), marcada pela indústria para a juventude, transformou o corpo em objeto de consumo, ou seja, o corpo passou a ser marca da indústria e mídia dentro da sociedade, apresentando padrões de modas como também de beleza, estimulados pela mídia a compra e venda de corpos, através das marcas da indústria de consumo. Em função disso, fazendo do adolescente hoje "mercado preferencial", ou seja, gerando pressões sociais e económicas que os mesmos têm de enfrentar, diferentemente das questões biológicas, alimentares e psíquicas. (CUNHA, 2014, p. 146)

Assim no argumento de Dayrell (2013), o que se têm da juventude pelo olhar adulto são visões distorcidas e de total negatividade, logo não se tem levado a sério e muito menos dado crédito e oportunidades a juventude em nosso contexto atual, levando tudo isso, a frustações que decorrem pela falta de conhecimento de homens e mulheres que deveriam investir nessa nova geração, pois se queremos ter uma geração forte no futuro, precisamos desenvolver as bases.

Neste ponto de vista, os jovens do ensino médio buscam soluções para compreender os atuais acontecimentos referentes a si mesmo, com os outros e as coisas/objetos, ou seja, desencadear os conflitos internos (o Eu/Identidade) pela figura de autoridade (pais e professores), nisso os professores

que atuam por mais tempo na escola deveriam promover o desvendo dos conflitos por meio de aulas ministradas e dialogadas interligando o conhecimento teórico pelo prático/realista.

1.3 ESCOLA, EDUCAÇÃO CORPORAL

A escola é um espaço de ensino e aprendizagem como de trocas de conhecimento e culturas, contudo no decorrer dos tempos tem sido vivida pelos alunos como forma de pressão e sofrimento, uma prisão refletida interna (consigo mesmo), isso remete a lembrança da educação no processo de escolarização para Freire (2003), que foi manuseada para "dominar, submeter e inibir", como forma autoritária, tendo o fim a ingenuidade, criticidade de consciência, ocasionado a negação de si e do outro. Seguindo dessa forma, atualmente a mesma ação é repetida, quando a juventude na escola não consegue internalizar suas emoções se sentido, oprimido e oprimindo outros com a fala do próprio corpo.

Mesmo a escola proporcionando inúmeras culturas, corpos dóceis e saudáveis, responsáveis pelo ensino e aprendizagem formando seres de caráter, autônomo e críticos em sociedade, onde o jovem tem a oportunidade de formação, o corpo ainda é negado.

Ao entrar na escola os alunos chegam com os seus corpos marcados por um contexto de vida sofrida ou estabilizada, são alunos com históricos familiares preocupantes, com comportamento diferenciados, que em muitos casos a escola negligencia. Assim, o corpo se torna negado quando ordens são exercidas neste corpo, por função de figura de líderes.

Pois como o corpo (sujeito), é autônomo em uma sociedade que oprime e manipula os corpos? O corpo tem sido alvo de poder numa sociedade capitalista e consumidora como Gonçalves e Foucault apresenta.

Dessa forma Gonçalves (2012), em seu argumento sobre o corpo no desenvolvimento do capitalismo e trabalho, introduz que nestes ambientes apesar de serem gerados corpos autônomos, o corpo ainda tem sido oprimido e manipulável. Que consequentemente, não só no contexto social de trabalho, porém, no ambiente escolar os corpos são regidos no mesmo seguimento, sejam eles, de forma direta ou indireta.

Na visão de Foucault (1987), o corpo está sobre dois poderes que são: o poder do capitalismo e o poder disciplinador da escola e, em ambos os poderes, o indivíduo em qualquer lugar estará sob um poder, sejam eles figuras de autoridade/liderança, capitalista ou disciplinar.

Na liderança capitalista o corpo é um produto, ou um produzidor para benefícios da própria política de líderes, enquanto que, no poder disciplinar introduzido na escola, o indivíduo é regido por

regras e princípios que o leva, muitas vezes obedecer sem opinar, pois, na escola o aluno é estimulado a permanecer estável, sem abertura para se movimentar em sala, deve se manter sentado e calado; nas aulas de Educação Física, estes corpos são liberados, porém sem passar do limite sendo dirigidos pelo professor.

Corpos negados na visão de Paulo Freire (2003), vem no contexto de Colonização no Brasil, que homens e mulheres eram violentados, como também seus corpos exerciam um poder que além de domínio, era sujeito e submissos, que, portanto, deveriam obedecer às ordens.

Nessa perspectiva, o conceito "Interdição do corpo", que Freire utiliza para representar o corpo frágil que outrora proibido de ser, não sendo sujeito, mas sujeitado. Idealiza, na visão da escola numa questão de "Rituais educativos", que além de expressões formativas nada possuía de educativos, "pois visavam dar ao outro uma determinada forma, a forma da docilidade, da submissão [...]". Partindo deste pressuposto, a modelagem do sujeito era frente. (MESQUIDA, 2010, p. 230).

Essas condições somadas a pressões sentidas pela juventude quanto aos desafios, a eles postos nesta idade como: a pressão dos pais que interferem no futuro dos filhos para que tirem boas notas e alcancem as universidades, como também as pressões da escola que buscam rendimento em melhores notas e prêmios gestão para destaque na sociedade, os vestibulares que muitas vezes intimidam em parte os alunos, porque nem todos conseguem adentrar nas universidades, bem como, a tecnologia e o mundo virtual com jogos comprometedores, que tem desenvolvido um desiquilíbrio emocional em todos os sentidos aos adolescentes/jovens.

Em decorrente de todas as pressões sofridas pela juventude, os casos vão aumentando de baixa autoestima, depressão, automutilação, idealizações suicidas e comportamentos agressivos na escola e sociedade. Logo, gerando preocupação em massa por parte gestora, docente, orientadores como dos pais, psicólogos e entre outros por essa demanda crescente na escola e sociedade de jovens sendo alvos de sofrimento (negação do próprio corpo).

Para Paulo Freira a solução de muitos conflitos está no diálogo, no amor e na ação libertadora, "Conquista do mundo pela libertação dos homens. Não há diálogo, porém, se não há profundo amor ao mundo e aos homens". (FREIRE, 2003, p. 81)

2 JUVENTUDE PERCEPÇÕES CORPORAIS?

Para compreender melhor a questão do corpo, corporeidade, percepções e a relação com o processo de aprendizagem entre estudantes de escolas públicas em Boa Vista, Roraima, realizou-se por

método qualitativo/quantitativo, um estudo de casos com 18 alunos no ano de 2019. Todos estudavam em uma escola pública de Ensino Médio no Estado de Roraima na cidade de Boa Vista.

Sobre o perfil dos sujeitos, 03 (três) do sexo masculino e 15 (quinze) do sexo feminino, envolvendo alunos das séries do 1º ano (08 alunos) e do 3º ano (10 alunos), com faixas etárias de 15 anos (04 alunos), 16 anos (05 alunos), 17 anos (04 alunos) e 18 anos (05 alunos), ao total da amostra nos remete a 18 alunos, como mostra o (Quadro 1). Todos os critérios éticos foram obedecidos e a pesquisa foi aprovada em Conselho de Ética da Universidade Estadual de Roraima-UERR[1].

Quadro 1. Este quadro foi um recorte de monografia, de graduação da acadêmica de licenciatura em Educação Física, do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).

PERFIL DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO			
Total da Amostra: 18 alunos do Ensino Médio	Série:	Idade	Gênero
	1º ano (08)	15 anos (04)	Masculino (03)
	3º ano (10)	16 anos (05)	Feminino (15)
		17 anos (04)	
		18 anos (05)	

Fonte: CARDOSO (2019)

Referente, o quadro 1, a prevalência feminina foi obtida no decorrer da pesquisa, pela voluntariedade dos participantes, sendo norteado pela orientadora da escola, que nos auxiliou para que a estudo fosse realizado. Assim, as meninas se interessaram mais, que os meninos para a contribuição da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de agosto há setembro, utilizando questionários semiestruturados e parcialmente abertos com 11 questões, sendo 3 fechadas e 8 aberta, onde buscamos verificar a percepção dos estudantes a respeito de suas corporeidades. As coletas foram realizadas no turno matutino da escola-campo, sendo acompanhados por uma orientadora pedagógica.

2.1 TRANSTORNOS EMOCIONAIS DOS JUVENIS ESCOLARES

Dados de instituições que trabalham com adolescentes/jovens e pesquisam sobre estas temáticas foram: A Organização Mundial de Saúde (OMS), Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (PISA), Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), como também no Estado de Roraima, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de Roraima (IBGE-RR), um grupo do Psicossocial da Secretaria Estadual de Educação e Desporto de Roraima (SEED-RR) e dados armazenados nas escolas

[1] Estudo de Pesquisa foi aprovado pelo Conselho de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual de Roraima sob o parecer do n° (CAAE 14405119.3.0000.5621), dando aos participantes direitos de proteção pelo termo de consentimento e esclarecimento do assunto da pesquisa.

públicas, demonstram dados ocorrentes de estudantes com problemas emocionais dentro do espaço escolar (Baixa autoestima, depressão, crises de aceitação, rejeição, tentativas suicidas e a mutilação).

Estes grupos de pesquisadores têm detectado situações de sofrimento entre a juventude, fenômeno que ocorre muitas vezes, de forma silenciosa, trazendo uma preocupação não apenas aos profissionais da educação e saúde, como à própria sociedade. Há que se questionar: o que tem gerado tudo isso? O que tem levado os juvenis a passar por um nível de desequilíbrio emocional?

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2020 a depressão será um dos maiores motivos de afastamento do trabalho. Sendo que 5,8% da População no Brasil vem sofrendo com esta doença, considerada a doença do século, podendo destacar também como um país campeão em casos de suicídio na América Latina; lamentável que apesar de todas as questões crescentes, ainda falta políticas públicas no preparo profissional para combater esses casos.

Os mesmos dados informam que por ano morrem por suicídio 800 mil pessoas, com ênfase na idade entre 15 a 29 anos, sendo a segunda principal causa de morte. As questões de sofrimento na juventude são um alerta para profissionais de saúde, educação, famílias e sociedade.

De acordo com os dados do Ministério da Saúde (OPAS/OMS Brasil, 2018), o instinto suicida costuma ter mais frequência na vida de adolescentes/jovens entre os 15 a 29 anos de idade. O suicídio tem ocupado a terceira causa de mortes entre os adolescentes de 15 a 19 anos e, a maioria dos problemas de saúde mental começa aos 14 anos e, muitos deles não são tratados.

Assim, em todo o mundo, tende-se que de 10% a 20% dos adolescentes sofrem com problemas de saúde mental, os diagnósticos são tratados, em sua maioria, de forma inadequada, pelo simples fato da falta de preparo de muitos profissionais que estão diretamente com eles.

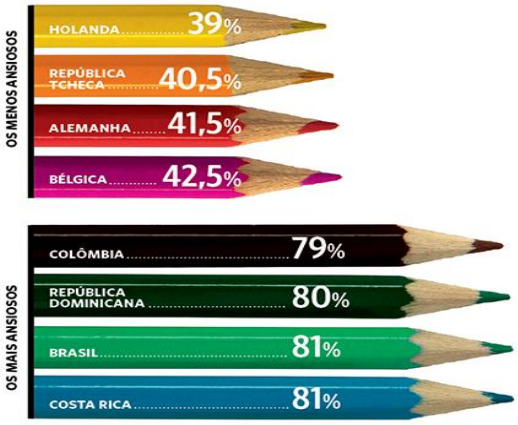
Outro transtorno que tem afetado os brasileiros na juventude é a ansiedade, sendo que especialistas dizem que assim como a depressão, a ansiedade também tem sido considerada o mal do século. Dados da OMS em 2018 relataram que 9,3% da população brasileira tem adquirido este transtorno levando o Brasil ao topo deste quadro; as mulheres sofrem mais do que os homens segundo estes dados.

Seguindo os dados da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), da Organização Mundial de Saúde (OMS) Brasil, supõe-se que no ano de 2016, 62 mil adolescentes morreram por resultados de autolesão, apresentando o suicídio como a 3ª principal causa de morte, os adolescentes de idade entre os 15 a 19 anos. Informa ainda que 90% dos suicídios acontecem em países de baixa ou média renda entre a classe de adolescentes, o que é preocupante.

O Brasil apresenta um nível alto de pessoas com estresse e ansiedade, logo, não diferente do ambiente escolar. Segundo o Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (PISA), os discentes brasileiros durantes os estudos propendem a ficar mais estressados. Sendo assim, 56% dos casos entrevistados segundo essa pesquisa relataram esse problema, os jovens estudantes seguem o ranking dos mais ansiosos em segundo lugar, no período de provas, mesmo tendo uma preparação adequada.

Um levantamento com cerca de meio milhão de estudantes, em 72 países, apresenta um resultado bem alarmante, sendo esta pesquisa do Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (PISA). Como mostra a (figura 1).

Figura 1. Pesquisa do Programa de Avaliação internacional de estudantes (PISA), com estudantes de 72 países.



Para Vanessa Fajardo [2] de São Paulo para a BBC News Brasil (2019), a depressão é diagnosticada como uma doença psiquiátrica que ocorre a partir do ambiente onde a pessoa convive ou pela carga genética e, ainda não se tem o consenso do que predomina mais. Há estudos dizem que a depressão foi identificada na fase adulta, por situações ocorrentes no início da adolescência que progrediram.

Conforme Clarissa Pains (2016), um em cada três adolescentes sofre de transtornos mentais comum (TMC), sendo os mais comuns: sintomas de tristeza, falta de motivação para realizar atividades do dia a dia, dificuldade no sono e na concentração. Este transtorno pode levar à desistência escolar de muitos adolescentes, pela falta de adaptação e, quando não acompanhado, pode aumentar ou dificultar na fase adulta.

Os casos de transtornos emocionais na concepção de (CUNHA, 2014, p. 74), podem começar por transtornos alimentares, mais comuns no gênero feminino, sendo a anorexia, bulimia nervosa e

[2] Vanessa Fajardo é jornalista, I produtora de conteúdo do I foco educação. No entanto, Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, Brasil.

compulsões alimentares, pela exclusão ou excesso de alimentos que no final geram arrependimento, culpa e sentimento de tristeza e angústias por terem adquirido ou não um maior número de alimentos.

De acordo com Tenório, et al., (2017), a automutilação ocorre por diversos fatores, sendo elas pelo desequilíbrio emocional, ou seja, falta de controle nas emoções e a falta de suporte familiar. O indivíduo ao demonstrar isso muitas vezes tenta jogar para fora o sentimento de dor e culpa que o aprisionam, sem proferir uma palavra se expõem por agressões corporais de forma silenciosa e oculta, que pouco são perceptíveis pelos pais.

Dessa forma, o indivíduo busca demonstrar o que sente pelo seu comportamento, nessa situação o corpo é alvo de sofrimento, pela literatura os adolescentes estão mais propensos à automutilação, comportamentos de cortes no próprio corpo, superficiais e até profundos, sejam eles nos pulsos, pés, penas, braços, barriga e até mesmo no próprio pescoço; geralmente, isso acontece com lâminas, estiletes, dentre outras ferramentas pontiagudas de serras.

Não somente se define a automutilação com cortes, mas também por queimaduras, beliscões, puxamento de cabelo, arranhões, mordidas, inserção de substâncias ou objetos no seu corpo. Essas situações ocorrem no momento de dor e, consequentemente, são escondidas.

O indivíduo nesta condição, explicam especialistas, demonstra na maioria dos casos a busca pelo isolamento, pois tem em sua mente que ninguém pode compreender o que ele sente e o que se passa com suas emoções e, dessa forma continua a ocultar as agressões. Todavia, por mais que o indivíduo busque ocultar-se, o corpo dá sinais, por meio de tristezas, raivas, angústias, isolamento e automutilação, dentre outros.

> A automutilação é qualquer agressão consciente, intencional dirigida ao próprio corpo no intuito de obter alívio e na maioria das vezes sem intenção suicida. Outros termos são utilizados para referir-se ao ato de lesar o próprio corpo como: cutting, autolesão, autoagressão e violência autodirigida. (TENÓRIO, et al., 2017).

O ato de automutilar-se tem sido descrito por adolescentes ou por quem pratica como alívio, leva a obter novamente o prazer da ação com mais intensidade; segundo especialistas, nestes atos, o cérebro libera uma substância ao corpo como endorfina que propõe um estado de bem-estar. Dessa forma, a automutilação não tem em muitos casos a finalidade imediata o suicídio, porém dependendo do indivíduo, da frequência da ação e da gravidade, pode chegar a um suicídio.

São muitas as explicações dadas por especialistas a respeito da automutilação. Teixeira (2001), afirma que os problemas associados aos suicídios com adolescentes estão relacionados aos vínculos de grupos, a fortes emoções de perdas e principalmente sentimento nutridos de rejeição e de exclusão,

pois, as questões suicidas vêm por uma negatividade que o indivíduo tem de si próprio entre os conceitos de vivência, assim tendo pensamentos de morte, refletidos até mesmo em ataques, que o adolescente realiza em seu próprio corpo, que mostram como ele se relaciona com seu próprio corpo.

De Acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE, 2015), fornecedor de informações de dados do país, em diferentes situações regidas, atendendo os segmentos de sociedade civil e os órgãos governamentais, federais, estaduais e municipais, o Estado de Roraima ocupa hoje, a quinta posição no Brasil, em relação educacional na saúde mental dos juvenis do Ensino Fundamental II das escolas Estaduais do Brasil, quanto a perda de sono devido preocupações decorrentes há 12 meses das escolas públicas e privadas. E essas perdas de sonos dificultam o dia a dia do indivíduo e, consequentemente, o processo de aprendizagem dos alunos.

O IBGE (2015), apresenta o percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental que se sentiram sozinhos na maioria das vezes ou sempre, nos 12 meses anteriores à pesquisa (%). Roraima está no 4º lugar com 17,5% do total em relação aos outros Estados do Brasil, dos juvenis que se sentem mais sozinhos.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – (PeNSE; IBGE, 2015), apresenta o percentual de escolares frequentando o 9º ano do ensino fundamental, distribuído pela auto percepção da imagem corporal, por dependência administrativa da escola, com Roraima no 4º lugar nas escolas privadas, com muito magro ou magro de 21,4%, normal 44,2%, gordo ou muito gordo 34,4. Nas escolas públicas foi muito magro ou magro 26,3%, normal 58,3%, gordo ou muito gordo 15,4 do total em relação aos outros Estados do Brasil.

Dados do Departamento Psicossocial da Secretaria de Educação do Estado de Roraima sobre a juventude no contexto escolar, demonstram uma situação preocupante para educadores, pais e gestores. Todavia, os dados da secretaria nos mostram que de 57 escolas em média são 42.632 alunos dos turnos matutinos vespertinos e noturno, os dados de 2017 a 2019 apresentou um grande aumento dos casos atendidos e tabulados do recebimento dos relatórios das escolas.

Logo 40 casos da automutilação em 2018 para 2019 foram 291 e as tentativas suicidas aumentou de 4 caso em 2017 para 60 em 2018 chegando 248, logo no período de observação, como nas práticas de estágios supervisionado. No entanto, os problemas emocionais diminuíram em poucas diferenças em 2017 com 624 para 2018 com 527, porém se alarmou 1.577 casos. Isso mostra a relevância dos quesitos de ensino e aprendizagem dos alunos.

Sendo assim, em 2019 apareceu segundo as pesquisas casos de violência na escola com 27 casos, como também um caso de suicídio registrado. Logo, todos os dados em 2019 foram maiores do

que em 2017 e 2018, levando a reflexão de todos o que tem ocorrido com a juventude para um número alto de jovens em sofrimento? Nessa situação, os dados refletiram com 2.427 de problemas familiares em 2019, as famílias estão em um processo delicado que ocasionalmente precisam serem ajudadas.

Isso porque, em muitas escolas estaduais a orientação da escola não registra os casos e nem leva suas atas documentais do que ocorre nas escolas, assim dificultando o processo de tabulação dos resultados e a busca de recursos ou políticas públicas pela Secretaria de Educação para atender a juventude.

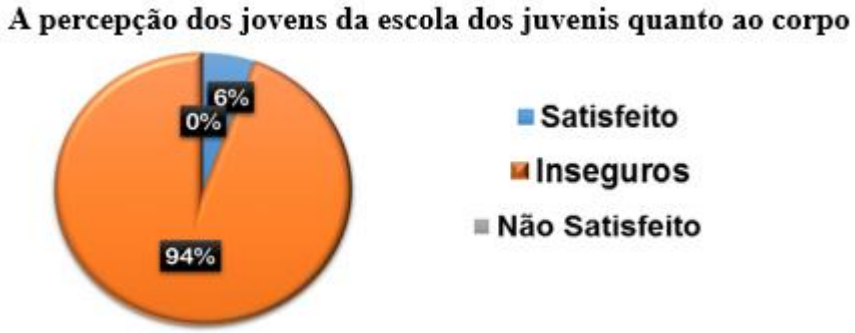
Dados das escolas nos remete que a falta de acompanhamento dos pais na formação e necessidade básica dos alunos tem sido uns dos fatores agravantes, como também, nos registros da orientação da escola de 2018/2019, um dos maiores problemas encontrados na escola refere-se a mudança de gênero (homossexualismo), na prevalência os meninos no ano 2018, assim como, seguindo em 2019 pelas meninas a mutilação (cortes no corpo), baixa autoestima (sem motivação para as aulas), como a não aceitação de si (o EU e a vergonha do corpo); seguindo em ambos as pressões da mídia (o garoto e a garota popular), as opiniões alheias (julgamentos), por fim, o despreparo da escola (falta de preparo profissional), tem gerando uma grande influência emocional, bem como a negação do corpo.

3 CORPOS E PERCEPÇÕES

A partir dessa reflexão de corporeidade, corpo e sofrimento da juventude quando as maiores questões que tem sido perceptível no aprisionamento da juventude quanto as pressões de grupos sociais (amigos, mídias, padrões de corpo/ideal), como cultura (crenças, conceitos familiares), a escola (posições) e sociedade (indústria de consumo), seguimos a pesquisa norteando que cada conceito possuiu uma influência positiva e negativa ao sofrimento dos juvenis/jovens.

Os resultados partiram de uma pesquisa na escola com os juvenis por meio de um questionário, que no entanto, foram respondido segundo conhecimentos atuais sobre a juventude no que tange a percepção corporal e, os mais influenciadores nesta temática. O gráfico nº 2 mostra o resultado em percentual dos alunos escolares do Ensino Médio. Pode ser notado que a maioria de seus colegas, se sentem mais inseguros do que satisfeitos, quanto a sua imagem corporal.

Figura 2. A percepção dos jovens escolares quanto seus colegas têm de seu corpo, sejam de satisfeitos a não satisfeitos. Alunos do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).



Fonte: o autor

No gráfico nº 3 mostra o resultado em percentual dos alunos escolares do Ensino Médio. Foi averiguado quanto a visão que diz respeito ao corpo do juvenis, os pensamento que ambos tem de si mesmos. Que a maioria se sentem mais Feliz e outros, assim não responderam. Mas, também responderam que: 38% gosta de como é; 8% preocupação com a massa corporal, não se sente confortável, e gostariam de melhora alguma coisa, como sente insegurança quanto ao tema "corpo", um desconforto com a saúde quanto ao corpo adequado; 7% se acham bonitos (as), não se importa com as opiniões das pessoas.

Figura 3. A percepção dos jovens escolares quanto o que pensa a respeito do seu corpo, sejam felizes ou entre outras. Alunos do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).

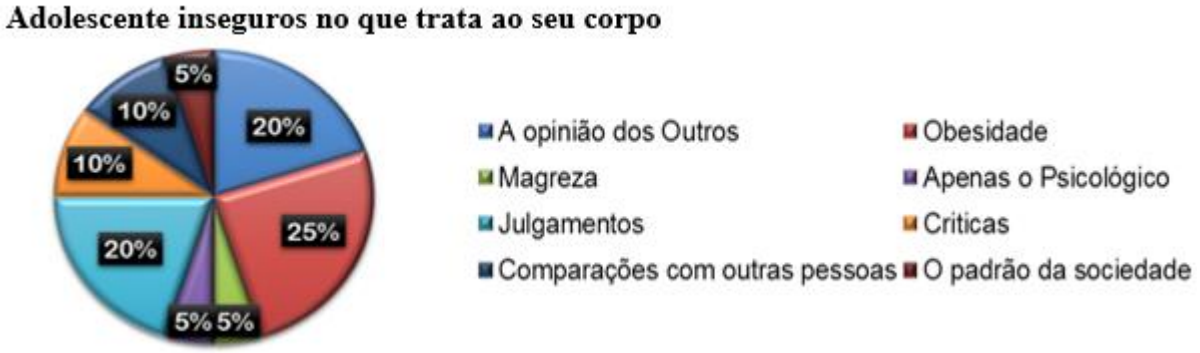


Fonte: o autor

O gráfico nº 4 apresenta o pensamento dos juvenis sobre as questões de insegura, o que tem deixado os adolescentes mais inseguros no que se refere ao seu corpo. Nessa medida, verificou-se que: 25% obesidade; 20% a opinião dos outros com julgamentos; 10% críticas e comparações com outras pessoas; 5% magreza, como também apenas uma questão psicológica, o padrão da sociedade, ou seja,

a obesidade e a opinião dos outros se sobressaiu com porcentagens maiores que a do padrão da sociedade na visão dos adolescentes.

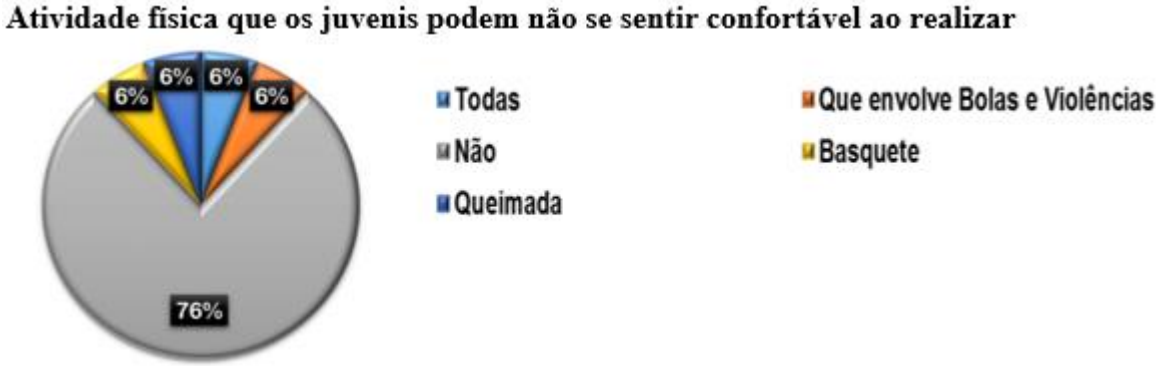
Figura 4. A percepção dos juvenis escolares do ensino médio, quanto a insegurança do seu corpo. Alunos do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).



Fonte: o autor

No gráfico nº 5 remente as práticas de atividades físicas que os juvenis não se sentem mais confortáveis em realizar. Se sim, responda o porquê. Eles responderam: 76% Não; 6% respondeu todas, como também atividades que envolvam bola e violência, disseram basquete e queimada.

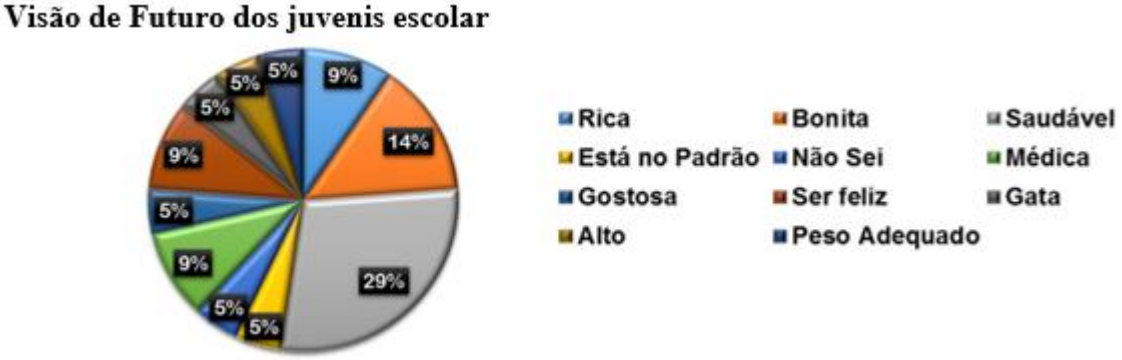
Figura 5. A percepção dos juvenis escolares do ensino médio, quanto suas práticas de atividades físicas que não se sentem mais confortáveis em realizar. Alunos do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).



Fonte: o autor

O gráfico nº 6 se refere a visão dos juvenis de futuro o que eles almejam ser ao crescer, como gostariam de ser? Eles responderam: 29% saudável; 14% bonita; 9% respondeu rica, ser médica e feliz; 5% está no padrão, não sabe, ser gostosa, gata, alto e com peso adequado. Foi perceptível que os mesmos no futuro querem ter uma vida mais saudável e bonitos fisicamente.

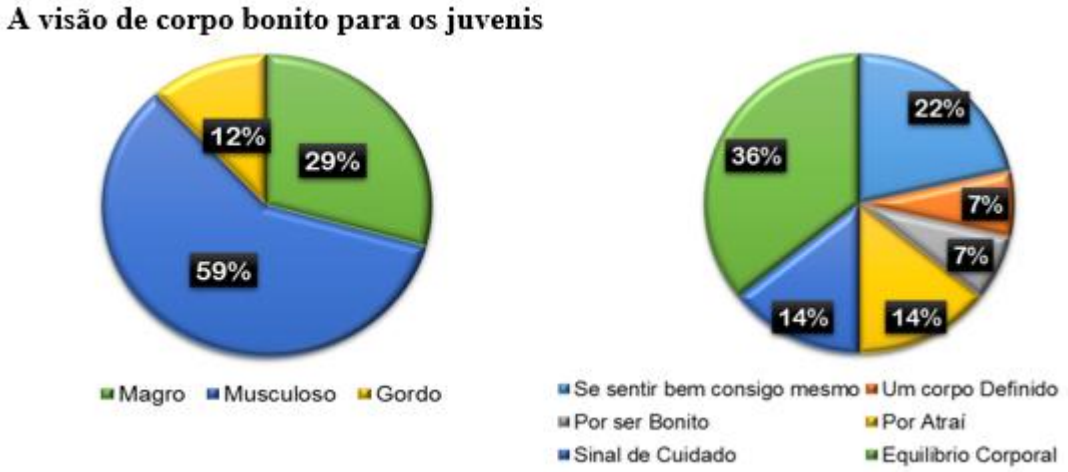
Figura 6. A percepção dos juvenis escolares do ensino médio, quanto a visão de futuro a respeito de como gostariam de ser quando crescer. Alunos do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).



Fonte: Autor

No gráfico nº 7 se remete aos juvenis na sua visão sobre um corpo bonito. Eles responderam: 59% Musculoso; 29% Magro; 12% Gordo. A continuação das respostas dos discentes quanto a um corpo bonito na visão deles foram respondidas: 22% se sente bem consigo mesmo; 36% prefere um equilíbrio no corpo, ou seja, não muito gordo e nem muito magro; 14% diz que o corpo musculoso o atraí; como afirma ser um sinal de Cuidado e 7% um corpo definido que escolheu por achar bonito.

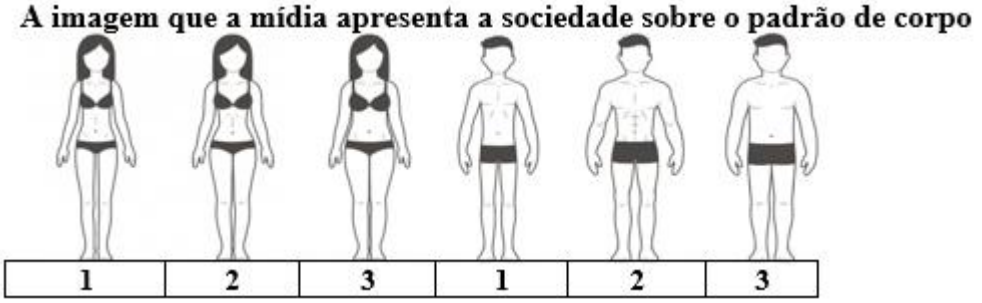
Figura 7. A percepção dos juvenis escolares do ensino médio, quanto um corpo bonito. Alunos do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).



Fonte: o autor

No gráfico nº 8 se associa a forma como os discentes veem a imagem que a mídia apresenta à sociedade quanto ao padrão de corpo. A respostas dos discentes quanto a pergunta foi: 67% 2º alternativa e 22% 3º alternativa e 11% 1º alternativa, ou seja, o padrão para os juvenis é o corpo robusto, tonificado e musculoso.

Figura 8: imagem: Andrea Bouchot (2016). A percepção dos juvenis escolares do ensino médio, quanto a imagem que a mídia apresenta à sociedade sobre o padrão de corpo. Alunos do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).



Fonte: Autor

No gráfico nº 9 retrata das maiores dúvidas que os juvenis apresentam sobre corporeidade e gostaria que pudesse debater na escola. A respostas dos discentes quanto a pergunta foi: 20% sexualidade; 15% amar o corpo como ele é; 10% autoconfiança; 5% bullying, alimentação saudável, educação, política, obesidade, exercício, aceitação, julgamento, insegurança, violência e aborto.

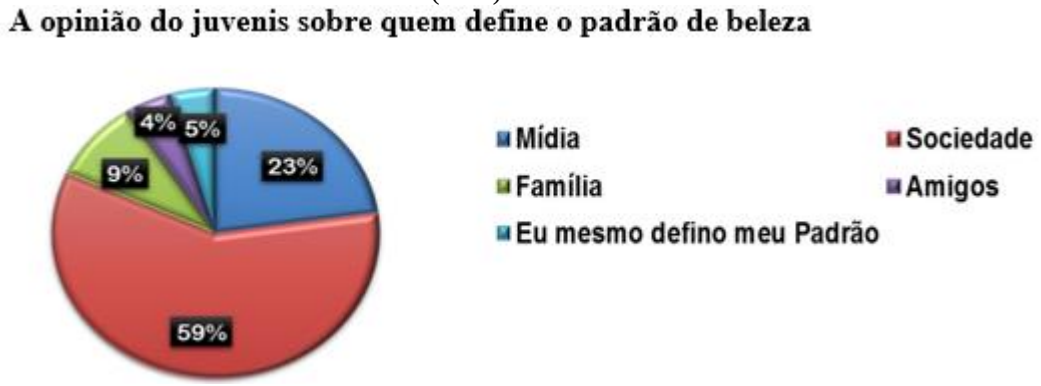
Figura 9: A percepção dos juvenis escolares do ensino médio, quanto as, mas dúvidas sobre corporeidade que a escola pudesse debater, de alunos do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).



Fonte: o autor

O gráfico nº 10 mostra o resultado em percentual dos alunos escolares do Ensino Médio. Pode ser notado o na opinião dos alunos quem define o padrão de beleza. As respostas dos discentes quanto a pergunta foi: 59% sociedade, 23% mídia, 9% família, 5% eu mesmo defino meu padrão e 4% amigos, nesta situação a sociedade se sobressaiu com maiores resultados sobre quem define o padrão de beleza.

Figura 10. A percepção dos juvenis escolares do ensino médio, sobre quem define padrão de beleza, do ano de (2019). Alunos do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).



Fonte: o autor

O gráfico nº 11 refere-se aos juvenis se alguma vez eles já se sentiram pressionados a seguir padrões de beleza. A respostas dos discentes quanto a pergunta foi: 13 "Sim" e 5 "Não". Dessa forma, os alunos também responderam: 43% sociedade impõe padrões de beleza, 29% opinião alheia, 14% não se deixa levar para opiniões sem nexo ou "Julgamento" social.

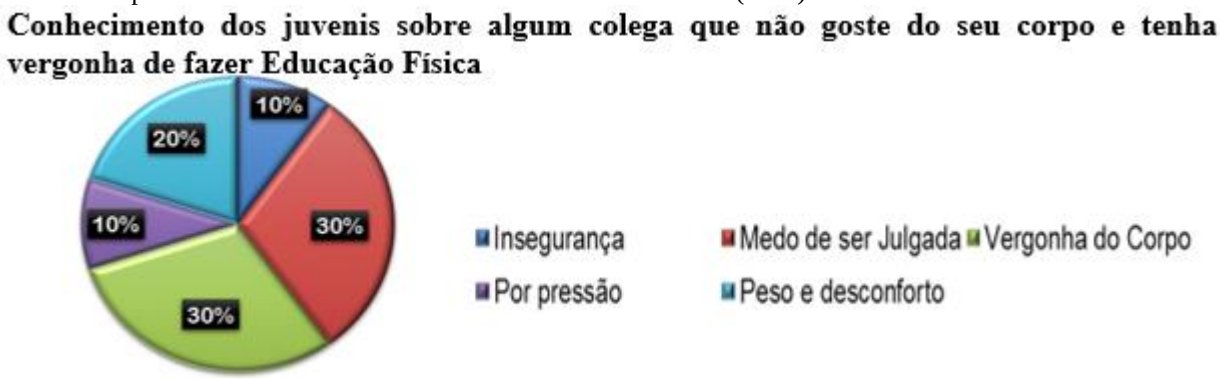
Figura 11. A percepção dos juvenis escolares do ensino médio, quanto se já sentiu pressionado a seguir os padrões de beleza. Alunos do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).



Fonte: o autor

O gráfico nº 12 apresenta conhecimentos dos alunos com seus colegas de escola se ambos têm conhecimento de algum colega (sem citar nomes) que não goste do seu corpo e tenha vergonha de fazer Educação Física. Por que acha que isso acontece? Eles responderam 50% que "Sim" e 50% que "Não", ou seja, metade tem conhecimento e metade não tem conhecimento.

Figura 12. A percepção dos juvenis escolares do ensino médio, quanto o seu conhecimento de colegas da escola que não goste do seu corpo. Alunos do ensino médio da cidade de Boa Vista-RR (2019).



Fonte: o autor

Contudo, discutindo os resultados os jovens argumentaram que quem define padrões de beleza é a sociedade, a mídia e, por último a família, isso indica que o poder maior segundo a visão dos alunos está na sociedade. Que segundo os autores discutidos no texto confirmam esta afirmação.

Assim também, pode-se perceber que 72% da juventude participante da pesquisa já se sentiu pressionada a seguir padrões de beleza, pela sociedade que as impõem com o fim das opiniões alheias. Além disso, os alunos citaram que tinham conhecimento de colegas e amigos que não gostam do corpo e têm dificuldade de realizar as atividades físicas por situações de vergonha, medo de serem julgados, tal como o desconforto corporal em relação ao seu peso.

Na visão dos adolescentes, as percepções corporais dos alunos de sua escola, apresenta que ainda se sentem inseguros, apesar dessa situação os alunos se sentem felizes e gostam de seu corpo, porém 76% não possuem atividades que se sintam confortáveis em fazer, nessa situação apresentaram as questões de peso: Obesidade e a opinião dos outros, ou seja, julgamentos, para a não realização das atividades.

Nesse sentido, é preocupante que na questão 05 – em que se perguntava o que eles gostariam de ser quando crescer, 29% relatou, querer ter uma vida saudável, 14% ser bonita e 9% ser feliz, o que faz refletir que a juventude não tem vivido de forma saudável e que neste processo o pouco dos alunos não se sente feliz e não se conforma com sua aparência.

Na visão de Cunha (2014), o padrão de corpo para as mulheres é o magro e musculoso também aos homens, isso vindo desde os gregos que tinham um ideal de beleza, logo ainda na visão dos alunos 59% acham que o corpo bonito é o musculoso e 29% o magro. A escolha segundo as respostas deles se deu pela atração do corpo e por questões de saúde e beleza.

Sendo assim, nota-se que esses juvenis se importam muito pelo que é falado pelas pessoas à sua volta, como também referências que idealizam ser seu modelo; logo, ao serem receptores dos

argumentos alheios não conseguem ter suas próprias críticas e opiniões, nessa situação ocorre uma perda de aprendizagem nas aulas de Educação Física, referentes a experimentação de práticas da cultura corporal e a exploração das capacidades físicas motoras.

Dessa forma, uma das questões que a juventude apresentou, para que a escola pudesse debater e consequentemente tirar suas dúvidas foram temas que envolvessem: O corpo nos sentidos físicos e emocionais, a sexualidade como também a autoconfiança. Isso mostra que poucos são os conhecimentos corporais trabalhados nas escolas.

Assim, corpos negados na percepção da juventude são corpos inseguros, pressionados, como julgados e oprimidos por padrões sociais de beleza e estéticas. Sobre estes aspectos os alunos se sentem desmotivados, resistentes quanto às práticas corporais e não se sentem confortáveis.

A timidez tem sido um fator que tem impedido os mesmo de terem um conhecimento desenvolvido no que se refere à sua aprendizagem, no ensino da Educação Física na cultura corporal do movimento. Todas essas questões apresentadas foram discutidas e dialogadas pelos autores, remetendo que os desequilíbrios emocionais na juventude são por estes fatores.

4 A TITULO DE CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O presente artigo teve como objetivo compreender a relação entre juventude, corporeidade e aprendizagem, as maiores pressões sofridas nos juvenis escolares do Ensino Médio em Roraima no contexto do ensino e aprendizagem.

Nele discutirmos, os registros atuais de casos ocorrente no ambiente escolar, de juvenis em sofrimentos que têm aumentando gradativamente, no que se refere à afirmação e negação do corpo como: Depressão, automutilação, transtornos emocionais, baixa autoestima e rejeição.

Nessa perspectiva, o artigo abordou na introdução em duas seções teóricas, o corpo no contexto histórico: em breves considerações, o conceito de corporeidade, corpo, a cultura corporal do movimento e aprendizagem, conectando com as concepções dos autores que estudam essa temática.

Logo, em seguida, contextualizando a “A juventude, corporeidade e Ensino Médio”, levando em consideração a realidade do convívio estudantil, suas marcas tão desafiadoras em concepção ao seu corpo, como grupo social, sua individualidade e características decorrente de sua faixa etária, encaixadas no contexto escolar como a influência de pressões da mídia/sociedade e da “indústria da juventude”.

Partindo das reflexões os resultados da pesquisa-campo, quanto a percepção corporal estudantil em Roraima da juventude de 15 a 18 anos, do 1º e 3º ano de uma escola do Ensino Médio, foi esclarecedor na visão dos mesmo quanto a temática proposta.

Na opinião dos jovens estudantes entrevistados, dentre os maiores problemas de negação estão a vergonha, a não aceitação do corpo, a insegurança, os julgamentos e opiniões alheias e as pressões da sociedade sobre o padrão de corpo/beleza.

Assim, a sociedade atual, marcada pela indústria para a juventude, transformou o corpo em objeto de consumo. O corpo passou a ser suporte para a indústria de beleza, impondo sobre ele padrões de modas, de belo e de comportamentos, estimulados pela mídia, numa espécie de compra e venda de corpos, através das marcas da indústria de consumo.

Essas condições somadas a pressões sentidas pela juventude quanto aos desafios, a eles postos nesta idade como: a pressão dos pais que interferem no futuro dos filhos para que tirem boas notas e alcancem as universidades, como também as pressões da escola que buscam rendimento em melhores notas e prêmios gestão para destaque na sociedade, os vestibulares que muitas vezes intimidam em parte os alunos, porque nem todos conseguem adentrar nas universidades, bem como, a tecnologia e o mundo virtual com jogos comprometedores, que tem desenvolvido um desiquilíbrio emocional em todos os sentidos aos adolescentes/jovens.

As pressões vivenciadas pelos juvenis, referente aos seus corpos e à indústria do consumo, especialmente da beleza, somada às pressões vivenciadas dentro da escola, quanto a rendimentos e comportamentos, vêm levando a inúmeros transtornos de adolescentes e jovens, principalmente no contexto escolar. A pressão que a mídia e o meio social atribuem a este indivíduo muitas vezes levam a negação de si mesmo.

Assim, as relações encontradas na juventude sobre o conceito de sua imagem corporal, os padrões de beleza, como as questões emocionais de saúde mental – depressão, baixa autoestima, automutilação, não aceitação, solidão e transtornos alimentares – encontradas no ambiente escolar, são situações que além de oprimir e negar o corpo, refletem nos aspectos da aprendizagem do próprio indivíduo, no caso de sofrimento, como do corpo docente que está na função de educador.

Nesse sentido, o Estado de Roraima como a instituição escolar deveriam promover capacitações a docentes, como também, estudos que envolvessem os juvenis ao ato conhecimento de si próprio, em seu caráter físico, emocional e social por meio de profissionais habilitados nesta temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Evany Bettine de; MARTINS, Anna Karenina Azevedo, NUNES, Viviane Abreu. O corpo como espaço de aprendizagem: reflexões a partir das vivências de um grupo de teatro formado por adultos na maturidade. Pro-Posições | v. 24, n. 3 (72) | p. 201-217 | set./dez. 2013.

Brasil. Secretaria de Educação Básica. Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno II: o jovem como sujeito do ensino médio / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [organizadores: Paulo Carrano, Juarez Dayrell]. – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013. 69p. : il.

CAMPOS, Simeia Rodrigues; GOTO, Tommy Akira. Os conflitos e valores na juventude: transição para a maturidade. Rev. abordagem gestalt. vol.23 no.3 Goiânia dez. 2017

CUNHA, Maria João. Corpo e imagem na sociedade de consumo. Lisboa, Clássica Editora, 2014.

DAOLIO, Jocimar. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. Rev. paul. Educ. Fis., São Paulo, supl.2, p.40-42,1996.

Dayrell, J. T. (2005). A música entra em cena: O rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Rev. Bras. Educ. no.24 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2003. Educação Física / vários autores. – Curitiba: SEED-PR, 2006. –248 p.

FAJARDO, Vanessa. Os sinais que podem identificar depressão nos adolescentes. De São Paulo para a BBC News Brasil, 28 janeiro 2019. https://www.bbc.com/portuguese/geral-46965090. Acesso: 23 ago. 2019.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAYA, A.; GAYA, A. Jogos Desportivos: Formação e investigação. In: NASCIMENTO, J. V. do.; RAMOS, V.; TAVARES, F. Coleção Temas em Movimento. Florianópolis: UDESC, 2013.

GONÇALVES, Maria Augustan Salim. Sentir, prensar, agir: corporeidade e educação. Campinas, SP: Papiros, 2012.

LE BRETON, David. Antropologia do corpo e modernidade. Petrópolis, vozes, 2013._____. Sociologia do corpo. Petrópolis: Vozes, 2012.

MESQUIDA, Peri. O corpo negado: corpo, violência e educação à luz do pensamento libertário de Paulo Freire. Revista Múltiplas Leituras, v. 3, n. 1, p. 224-236, jan. jun. 2010

MYERS, P.N. e BIOCCA, F. (1992) “The elastic body image: the effect of television advertising and programming on body image distortions in young women Communication”, 42, p: 108-133

Nações Unidas. OMS registra aumento de casos de depressão em todo o mundo; no Brasil são 11,5 milhões de pessoas. Publicado em 23/02/2017Atualizado em 24/02/2017. https://nacoesunidas.org/oms-registra-aumento-de-casos-de-depressao-em-todo-o-mundo-no-brasil-sao-115-milhoes-de-pessoas/. Acesso: 24 de ago. 2019

OPAS/OMS Brasil. Folha informativa - Saúde mental dos adolescentes. Atualizada em setembro de 2018. https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839. Acesso: 23 ago. 2019.

PAINS, Clarissa. Um em cada três adolescentes no país sofre de transtornos mentais comuns. 23/05/2016 - 05:00 / Atualizado em 23/05/2016 - 18:07. Globo sociedade. https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/um-em-cada-tres-adolescentes-no-pais-sofre-de-transtornos-mentais-comuns-19356875. Acesso: 23 ago. 2019.

Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. – Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p. Convênio: Ministério da Saúde, com apoio do Ministério da Educação Inclui bibliografia e glossário. ISBN 978-85-240-4387-1. https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pense/pense-2015.

PINAS, Romildo Henriques. O corpo como mediação necessária do ser pessoa na antropologia de Wolfhart Pannenberg. Pensar-Revista Eletrônica da FAJE v.6 n.2 (2015): 213-227.
SANTIN, Silvino. Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade. rev. – Ijui, Rio Grande do Sul, 1987.

TEIXEIRA, Célia Maria Ferreira da Silva. A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes – relato de experiência. Curso ministrado no X Simpósio de Estudos e Pesquisas da Faculdade de Educação da UFG, de 27 a 28 de agosto de 2001 – Goiânia (GO). https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/download/1509/1496. Acesso em: 21 de ago. 2019.

TENÓRIO, Macela Marta Da Costa et al. Corpo, injúria e símbolo: a automutilação em jovens. In: Anais da Mostra de Pesquisa em Ciência e Tecnologia 2017. Anais...Fortaleza (CE) DeVry Brasil - Damásio - Ibmec, 2019. Disponível em: <https//www.even3.com.br/anais/mpct2017/47232-CORPO-INJURIA-E-SIMBOLO--A-AUTOMUTILACAO-EM-JOVENS>. Acesso em: 16 ago. 2019.